

PPGTER/GES.07.2019.TEC

Construção e Análise de Vídeo Educacional

Autores

Aline Baldissera Leal
baldisseraaline83@gmail.com

Taís Fim Alberti
ffalberti@gmail.com

Andrea Ad Reginatto
andrea.reginatto@gmail.com

Antonio Guilherme Schmitz Filho
schmitzg@gmail.com

Versão 1.0
Status: Final
Distribuição: Externa
AGOSTO 2019



2019 PPGTER – Programa de Pós-Graduação em Tecnologias Educacionais em Rede

Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)

Você tem o direito de compartilhar, copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato; adaptar, remixar, transformar, e criar a partir do material, de acordo com o seguinte: você deve dar o crédito apropriado, prover um link para a licença e indicar se mudanças forem feitas. Você deve fazê-lo em qualquer circunstância razoável, mas de nenhuma maneira que sugira que o licenciante apoia você ou seu uso. Você não pode usar o material para fins comerciais.

Programa de Pós-Graduação em Tecnologias Educacionais em Rede - PPGTER

Editoria Técnica do PPGTER

Universidade Federal de Santa Maria

Av. Roraima n. 1000

Centro de Educação, Prédio 16, sala 3146

Santa Maria – RS – CEP 97105-900

Fone / FAX: 55 3220 9414

ppgter@ufsm.br

edtec.ppgter@gmail.com

ISSN: 2675-0309

Relatórios Técnicos do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias Educacionais em Rede / Programa de Pós-Graduação em Tecnologias Educacionais em Rede, Universidade Federal de Santa Maria. – Vol. 1. n. 2 (2019) Ago/Dez. – Santa Maria: PPGTER/UFSM, 2019.

Periodicidade semestral.

1. Tecnologia Educacional. 2. Desenvolvimento de Tecnologias Educacionais. 3. Gestão de Tecnologias Educacionais. I. Universidade Federal de Santa Maria. Programa de Pós-Graduação em Tecnologias Educacionais em Rede.

Resumo

O relatório técnico a seguir contempla orientações e sugestões de construção e análise de um vídeo educacional, para ser utilizado por professores e alunos em sala de aula, podendo ser utilizado também por outros profissionais como o enfermeiro nas atividades de Educação em Saúde, com pacientes e familiares no contexto que envolve a internação hospitalar.

1.Introdução

O projeto de pesquisa intitulado TECNOLOGIA VOLTADA PARA A EDUCAÇÃO EM SAÚDE DE FAMILIARES DE RECÉM NASCIDOS INTERNADOS: CONSTRUÇÃO DE UM MATERIAL EDUCATIVO COMO POSSIBILIDADE DE INOVAÇÃO, registrado no Portal SIE web UFSM com o número 050891, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Santa Maria (HUSM) pelo CAAE 09280919.4.0000.5346, tem sua base de desenvolvimento junto ao Hospital Universitário de Santa Maria (HUSM), na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN).

Entende-se como significativo ou de extrema relevância a elaboração de uma tecnologia educativa inovadora junto ao processo de Educação em Saúde, voltada a interação com os familiares dos pacientes internados no setor neonatal. Dentro deste contexto, foi escolhido como modalidade de tecnologia o vídeo, pois materiais impressos já são fornecidos pelo hospital por meio do Núcleo de Educação Permanente em Saúde para os setores, não existindo nenhuma aplicação baseada em recursos audiovisuais no momento. O material integra um conjunto de ações que visa sensibilizar os familiares, em relação à temática abordada. Sobretudo, considerando os aspectos interativos que o vídeo traz na relação direta da imagem com os processos educacionais almejados; congregando o uso do som, da fala e do movimento, tornando-se uma estratégia de comunicação de fundamental importância.

O produto final desta pesquisa do mestrado profissional em Tecnologias Educacionais em Rede, do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias Educacionais em Rede (PPGTER), será, portanto, a construção e validação do vídeo educacional para os familiares dos recém-nascidos internados na referida unidade.

O objetivo do relatório é apresentar à comunidade acadêmica do PPGTER da UFSM um conjunto de categorias, descritas por autores, para ajudar na construção e também na análise de vídeos educacionais, visando a composição de processos de ensino/aprendizagem inovadores.

2. Construção e análise de vídeo educacional

Existem vários termos relacionados a vídeo para fins educativos, como: vídeo educativo, vídeo didático, vídeo instrucional, vídeo educacional. Muitas vezes são usados como sinônimos, mas deixam claro que ser educativo/educacional é diferente de ser instrucional. Os primeiros são adjetivos equivalentes relacionados ao termo educação. O último sugere treinamento e ausência de diálogo e de interação (GOMES, 2008).

O termo didático, segundo o autor supracitado, parece ser o termo preferível quando nos referimos a um material elaborado para apoio das atividades didáticas, ainda que qualquer vídeo possa ser utilizado para esse fim. O autor ressalta que: “Assim, parece acertada a utilização dos complementos educativo/educacional/didático para os termos audiovisual ou vídeo” (GOMES, 2008, p.482).

Para a construção do material didático e de um melhor planejamento das atividades será seguido a metodologia de trabalho de Filatro (2008), que é o *design instrucional*, por meio do modelo ADDIE (do inglês: analysis, design, development, implementation e evaluation), que é dividido em cinco fases, as quais formam uma cadeia contínua e cíclica que se retroalimenta ao final do processo:

- Análise;
- Desenho;
- Desenvolvimento;
- Implementação;
- Avaliação.

A figura abaixo representa melhor o modelo descrito anteriormente:

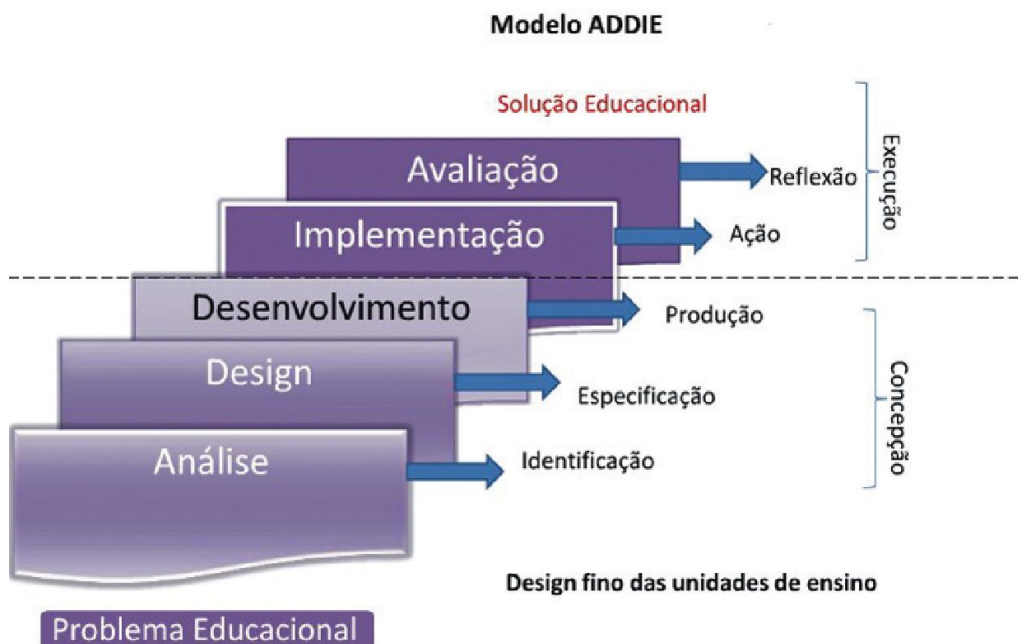


Figura 1. Fases do processo de *design* instrucional, segundo o Modelo ADDIE
Fonte: Filatro (2008, p.25).

Os materiais didáticos são produzidos na fase de desenvolvimento. Nesse momento, para projetar a mídia, o design instrucional elabora um documento denominado de roteiro (ou *storyboard*). Nele será descrito, passo a passo, as especificações do objeto de aprendizagem. Esse documento deve indicar, para vídeos, animações, simuladores e jogos, o tempo de duração, o conteúdo a ser ministrado, os personagens, as cenas, as imagens, os desafios, os esquemas e as funcionalidades para promoção da interatividade (BARREIRO, 2016).

Na etapa de desenvolvimento que compõe o roteiro para produção/gravação de vídeos, COMPARATO (2009), destaca que de modo muito geral a forma escrita, que recebe o nome de roteiro, é algo muito efêmero. Existindo durante o período que leva para se converter num produto audiovisual, sua maior e grande aposta encerra elementos que dão relevo aos processos criativos dos roteiros (a ideia). Para ele, a escrita de roteiros exige uma disciplina que seja específica, devendo se avançar por partes e que se obedeça a uma estrutura lógica para a sua construção. Apresenta ainda seis etapas do processo que levam ao roteiro final:

1. Ideia;
2. Conflito;
3. Personagens;
4. Ação dramática;
5. Tempo dramático;
6. Unidade dramática.

O vídeo é um meio de comunicação e um meio de ensino, conforme Ferrés (2001). A partir disso ele pode ser analisado de formas diferentes. Neste contexto, Gomes (2008), baseado em Cabero (2001), traz critérios que podem ser utilizados para nortear a produção de vídeos didáticos, por meio de cinco categorias de análise, classificadas em: conteúdos, aspectos técnico-estéticos, proposta pedagógica, material de acompanhamento e público a que se destina. Gomes (2008, p. 486-489), elenca itens que acha fundamental para uma boa análise, mas deixa claro que não precisa considerar todos eles.

As categorias propostas por ele são:

1ª Categoria: conteúdos

- Qualidade científica.
- Exatidão e apropriação.
- Atualização.
- Clareza.
- Contextualização.
- Pertinência.
- Suficiência da quantidade da informação.
- Conhecimentos prévios exigidos do aluno para acompanhar o material.
- Adequação da linguagem ao público-alvo.
- Adequação do conteúdo ao público-alvo.
- Referências (autores consultados).

2ª Categoria: aspectos técnico-estéticos

A) LINGUAGENS

1. Tratamento formal da imagem

- Uso dos planos, escala, angulação, composição, movimentos de câmera, iluminação, cores, truques.
- Uso do espaço dentro e fora do campo de visão.
- Figuras de retórica utilizadas.
- Valor narrativo, semântico e estético de cada elemento da imagem (cor, iluminação, espaço, proporção, volume, angulação, etc.), seu valor denotativo e conotativo.
- Valor narrativo, semântico e estético dos elementos pertencentes ao código dos gestos.
- O efeito simbólico ou evocativo de cada um dos recursos visuais.
- Tamanho dos elementos gráficos: fotos, legendas, etc.
- Qualidade técnica e estética dos elementos visuais.
- Imagens de estúdio e externas, estáticas e dinâmicas, geradas por computador, de arquivo.
- Presença de imagens estáticas, desenhos, mapas, gráficos.
- Riqueza visual advinda da variedade.
- Ambientação e decoração.
- Vestuário e adereços.

2. Tratamento formal do texto verbal

- Qualidades lingüísticas do texto verbal oral.
- Qualidades lingüísticas do texto verbal escrito.
- Figuras de retórica utilizadas.
- Uso de linguagem envolvente (por exemplo: imperativo, segunda pessoa, etc.).
- Diálogos.
- Registro: científico, acadêmico, formal, coloquial, poético, legal, técnico.
- Efeito simbólico ou evocativo dos recursos verbais utilizados.
- Tipo de letras usado no texto verbal escrito.
- Funções do texto oral (conceitos e idéias, emoções, sentimentos ou ambos).

3. Música e efeitos sonoros

- Tipo de música.
- Função da música.
- Expressividade, clareza, e identidade dos sons.
- Integração do som com as imagens.
- Presença ou ausência de efeitos sonoros e, quando presentes, a função.
- Qualidade técnica e estética do som ambiente, das vinhetas e do/da áudio/locução.
- Sincronia do som com os demais elementos.

4. Interações

- Tipo de interações entre imagem-imagem, imagem-palavra, imagem-música, imagem-efeitos sonoros, música-efeitos sonoros. Interações de reforço, de comparação e de antítese.
- Interações semanticamente mais criativas e significativas do ponto de vista artístico, entre elementos visuais e sonoros.
- Inclusão de elementos para destacar elementos importantes.
- Montagem do ponto de vista narrativo, semântico e estético.
- Ritmo e fatores que o condicionam duração das tomadas, movimentos dos personagens, movimentos das câmeras, ritmo musical. O ritmo em função do assunto.

B) ROTEIRO

- Plano da obra.
- Argumento.
- Personagens: estereótipos, reais ou ficcionais, objetos animados, realista, tratamento dramático ou humorístico.
- Ambiente.
- Duração do vídeo adequada e suficiente; permite atividade complementares no mesmo horário de aula.

Eixos estruturais

- Presença de índice ou sumário.
- Presença de apêndices.
- Seqüência e estruturação corretas.
- Originalidade.
- Presença de tópico de revisão.
- Tipos de interatividade previstos.

C) ESTRUTURA NARRATIVA

- Clássica: motivação-exposição inicial, desenvolvimento, recapitulação-reforço.
- Final do programa incita à busca, polêmica ou pesquisa.
- Há predominância de discurso verbal, linear, lógico, analítico ou da dimensão intuitiva, afetiva, da imaginação e da sensibilidade.
- Gênero e estilo adequados ao tema e ao público-alvo.
- Nível de formalidade/informalidade das relações entre os personagens.
- Função do vídeo é clara: informar, motivar, ilustrar, sensibilizar, fixar conteúdos, facilitar a compreensão, aplicar conteúdos em situações variadas, reforçar conteúdos.
- Valorização da exposição, da discussão, da crítica ou da prática/ aplicação.

D) FORMATO

- Entrevista.
- Reportagem.
- Documentário.

- Situações-problema.
- Outro.

E) PRODUÇÃO

- Ritmo da apresentação em relação ao conteúdo e ao público-alvo.
- Variedade das apresentações.
- Identidade com os alunos.
- Montagem como recurso estético para estabelecer conexões criativas ou de impacto visual entre os planos.

3ª Categoria: proposta pedagógica

- Aplicações práticas do conteúdo.
- Objetivos claros: informar, motivar, sensibilizar, exemplificar, etc.
- Que mudança de comportamento, de atitude ou de habilidade ele pressupõe.
- Interdisciplinaridade.
- Sugestões de atividades.
- Motivações para leituras mais amplas.
- Recapitulações e sínteses.
- Criação de situações de aprendizagem é facilitada.
- Exemplificações, esquemas e gráficos.
- Alertas quanto a erros freqüentes.
- Duração em relação ao tempo de aula disponível.
- Ideologias subjacentes aos conteúdos e personagens.
- Crenças sobre ensino-aprendizagem e sobre os papéis do professor, do aluno e do próprio material audiovisual e seu uso.

4ª Categoria: material de acompanhamento

1. Presença de dados de identificação na caixa da fita ou do DVD, com as seguintes informações:

- Título.
- Autor ou autores.
- Nome do estúdio de gravação.
- Autor do roteiro.
- Autor do conteúdo.
- Data e local da produção.
- Público a que se destina.
- Duração.

2. Presença de Guia do Material Didático, com sugestões de uso do material e de atividades complementares

5ª Categoria: público a que se destina

- Público é claramente definido e identificável.
- Previsão de conhecimento prévio do público-alvo é atendida.
- Proposta pedagógica adequada ao público-alvo.

- Linguagem adequada ao público-alvo.
- Formato adequado ao público-alvo.

Portanto, assim como os professores podem utilizar os vídeos em sala de aula com os seus alunos, os enfermeiros envolvidos no processo de cuidar, também podem utilizar dessa mesma tecnologia para mediar as suas práticas assistenciais e educativas no contexto hospitalar, fortalecendo e potencializando as ações de Educação em Saúde, utilizando com os pacientes e seus familiares. “Diante disso, as tecnologias educativas em saúde, dentre elas, o vídeo educativo, são uma forma de comunicação atrativa, pois áudio e vídeo são capazes de deter a atenção do telespectador “(LIMA et.al, 2017, p.6).

Martín-Barbero (2001), chama a atenção para as mediações que os meios promovem no contexto das diferentes sociedades e destaca que o mercado, por si só, não propõe inovação social, a inovação necessita de ações comunicativas ancoradas em processos culturais e políticos.

É neste espaço, que o pensamento didático-educacional ganha protagonismo para encaminhar novas proposições interativas, com vistas a interpelação dos sujeitos, envolvidos em diferentes situações, mais ou menos complexas, de vida. Portanto, pensar e desenvolver um produto, com base audiovisual, demanda a compreensão e a avaliação constante de todas as questões ambientais envolvidas, para as reformulações didáticas necessárias.

Referências

BARREIRO, Rommulo Mendes Carvalho. Um Breve Panorama sobre o Design Instrucional. **EAD EM FOCO**, v. 6, n. 2, ago. 2016. Disponível em: <<http://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/375>> Acesso em: 10 mar. 2019.

CABERO, J.C. **Avaliar para melhorar: meios e materiais de ensino**. In: SANCHO, J. Maria (Org). Para uma tecnologia educacional. Trad. Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

COMPARATO, DOC. **Da criação ao roteiro: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2009.

FERRÉS, J. **Pedagogia dos meios audiovisuais e pedagogia com os meios audiovisuais**. In: SANCHO J. Maria (Org.). Para uma tecnologia educacional. Trad. Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001. p. 127-155.

FILATRO, A. **Design instrucional na prática**. 1ª. Ed. São Paulo, Pearson, 2008.

GOMES, Luiz Fernando. Vídeos didáticos: uma proposta de critérios para análise. **Revista Bras.Est. pedagogia**. Brasília, V.89, n.223, p.477-492, 2008. Disponível em: <<http://www.emaberto.inep.gov.br/index.php/rbep/article/view/688/666>>. Acesso em 16 de julho de 2019.

LIMA, M.B. et.al. Construção e validação de vídeo educativo para orientação de pais de crianças em cateterismo intermitente limpo. **Revista Escola de Enfermagem USP**. V.51, p.1-7, 2017. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342017000100462&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 10 de julho de 2019.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2001.